

# MUNDARÉU

**MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA**  
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

**Quarta temporada**  
**Episódio #25: “Antropologia feminista da ciência e da tecnologia”**

**Transcrição do episódio: Daniela Manica**

**Revisão da transcrição: Daniela Manica e Mateus Viana**

## Roteiro

### LEGENDA

Blocos

Sonoplastia

**Vinheta de abertura: “Já foi”, de Janine Mathias. Samba com violão de sete cordas, cavaco e guitarra, surdo, triângulo e ganzá. Tocada leve e envolvente se introduz pela melodia instrumental. A voz feminina canta:**

**Pra que esperar se eu sou movimento?**

**Pra que questionar inventaram o tempo**

**É hora, agora, já foi**

**É hora, agora, já foi**

### **Bloco 1: Apresentando o episódio final desta temporada**

**Olá, pessoal, chegamos hoje ao final da quarta temporada do Mundaréu. E esse episódio vai ser bem diferente dos outros. Este ano, de 2023, começamos a desenvolver a nossa pesquisa sobre perspectivas feministas sobre ciência e tecnologia na América Latina, ou na América Ladina, como disse Lélia Gonzales.**

Nós visitamos várias universidades, no Brasil e na Argentina, conversamos com muitas pesquisadoras, e também participamos de eventos! O episódio de hoje foi gravado em um deles, na Reunião de Antropologia do Mercosul, a RAM. A RAM teve a sua décima quarta edição realizada em Niterói, na Universidade Federal Fluminense, UFF, no início de agosto de 2023.

Nós propusemos um debate nesta reunião, intitulado "Antropologia feminista da ciência e da tecnologia na América Latina". Esse debate aconteceu em formato de uma mesa redonda. E participaram Ana Cláudia Rodrigues da Silva (antropóloga e professora da Universidade Federal de Pernambuco), Fabíola Rohden (antropóloga e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul), e Alejandra Roca (antropóloga e professora da Universidade de Buenos Aires, na Argentina). Eu, Daniela Manica, fiz a apresentação da mesa e a minha parceira de Mundaréu, Soraya Fleischer (antropóloga e professora da UnB) provocou um debate na sequência, que vamos reproduzir aqui.

Foi a primeira vez que gravamos em evento, então vocês vão encontrar um áudio de menor qualidade, com alguns problemas na inicialização das falas das palestrantes, ruídos do ambiente, que tinha um ar condicionado um pouco barulhento, pessoas eventualmente entrando e saindo da sala, palmas na sala ao lado da nossa. Então vocês se imaginem em uma sala de aula de universidade, pequena pra média, cheia de pessoas sentadas em cadeiras de plástico azul com braço para cadernos, as cadeiras arrumadas em círculo em frente a uma mesa de professora, onde nós estávamos, com a lousa atrás, e algumas cadeiras. Tinha um janelão na parede oposta à da porta, com uma vista para a linda Baía de Guanabara e para a cidade do Rio de Janeiro. Fazia calor, aqueles foram dias muito bonitos e ensolarados. E a RAM, como o primeiro evento presencial pós-pandemia, foi um grande reencontro da antropologia brasileira e latinoamericana.

A gente então registra e recupera aqui essa conversa, que foi muito interessante e que retoma, atualiza e amplia as discussões que temos tentado propor aqui no Mundaréu. Eu vou ler para vocês o resumo que propusemos às participantes, e a partir do qual elas organizaram as suas falas.

No campo dos estudos sociais das ciências, as pesquisas sensíveis às temáticas de gênero foram precursoras de abordagens teóricas e metodológicas inovadoras, que foram mais recentemente se consolidando nas diferentes disciplinas que compõem esse campo: a situacionalidade do conhecimento (Harding, 1986, 2015; Haraway, 1995; Anzaldúa, 1987); a importância das materialidades na abordagem crítica sobre as ciências (Barad, 2007; Butler, 1993); a especificidade da América Latina na geopolítica mundial, e nos tipos de conhecimentos produzidos pelas universidades latino-americanas (Vessuri, 1987; Medina et. al., 2014 ; Pérez-Bustos, 2017; Roca, 2010). As perspectivas feministas dialogam com outros recortes importantes nos estudos socioantropológicos das ciências, como arte e tecnologia; humanos e não humanos; questões de gênero, raça e etnia (Rohden e Monteiro, 2019). Pretendemos nessa mesa discutir temas, questões e problemas a partir da situacionalidade de cada uma das pesquisadoras palestrantes. Esses temas serão tratados à luz dos seguintes problemas: como comunicar resultados, disputar sentidos, conversar sobre as pesquisas feitas sobre ciência e tecnologia na América Latina?; como se negocia a perspectiva feminista no âmbito da pesquisa, e como que os resultados são produzidos e comunicados?; e em que medida o desenvolvimento científico/tecnológico atende a prioridades efetivamente coletivas, populares e locais, conectadas a perspectivas politicamente situadas?

Eu deixo vocês então com essa conversa, e a gente se ouve de novo no ano que vem! Com novas séries, novas histórias de pesquisa em podcast.

## **Bloco 2: Gravação da Mesa Redonda "Antropologia Feminista da Ciência e da Tecnologia na América Latina", na XIV RAM**

### **Ana Cláudia Rodrigues da Silva (UFPE):**

Eu intitulei a minha fala aqui com o título de "Racialidades e subjetividades cruzadas: levando a sério a posicionalidade as materialidade de mulheres racializadas na produção do conhecimento científico". E eu gostaria de começar essa fala trazendo um trecho de uma das obras da Glória Anzaldúa que fala o seguinte: "O perigo ao escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão. O que nos valida como seres humanos nos valida como escritoras".

Ao longo da minha trajetória de pesquisadora, eu realizei diversas pesquisas com mulheres, abordando temas como violência, aborto e suas interfaces com a saúde. Mais recentemente eu integrei uma equipe de pesquisa majoritariamente composta por mulheres sobre os impactos do Zika vírus na vida de mães e famílias de mulheres que tiveram filhos com a síndrome congênita do Zika vírus. O que sempre me chamou atenção em todas essas experiências de pesquisa foi a rede de cuidados que se estabelecia entre mulheres que, de certa maneira, buscavam algum tipo de atendimento e as mulheres que prestavam esse serviço e/ou pesquisadoras que estavam pesquisando sobre essas temáticas e ainda as que atuavam por meio dos movimentos sociais ou ONGs.

No fundo, era um processo que acontecia com mulheres e entre mulheres. E, se entre as pesquisadoras e colaboradoras, eu via uma diversidade de sujeitas - no geral eram mulheres cis lésbicas cientistas artistas, majoritariamente brancas e de classe média alta -, entre as mulheres pesquisadas, eu via também uma diversidade de mulheres, porém não brancas e de classe popular. As mulheres que procuravam e ainda procuram os serviços de saúde para atendimento em decorrência de aborto, são majoritariamente negras, como mostram os dados epidemiológicos. Assim como as mulheres que foram afetadas pelo Zika vírus também são mulheres racializadas. Em meu doutorado eu trabalhei sobre o aconselhamento genético e doença falciforme e, pela própria conformação da doença, ela ser prevalente na população negra, eu também me deparei com mulheres negras em busca de cuidados e enfrentando um diagnóstico médico para ter um filho ou uma filha mesmo quando a ciência não recomendava. E eu, então, uma jovem antropóloga na época, circulava entre essas mulheres com uma certa familiaridade que nem sempre ela era claro para mim. Mas hoje é eu reconheço que se tratava de uma aproximação tanto subjetiva, quanto material, que marcaria as minhas pesquisas e a produção de conhecimento situado na encruzilhada da raça, do gênero e da classe social.

Não é novidade alguma na antropologia a discussão sobre como as subjetividades e, mais recentemente, as materialidades compõem as dimensões das pesquisas, influenciando o antes, o durante e o depois, como Donna Haraway, Marilyn Strathern... Experiências que nos chegam pela escrita posicionada dessas autoras. E mesmo sendo uma escrita posicionada, nem sempre consegue abarcar a plenitude da imersão e do envolvimento característico de um fazer etnográfico

posicionado. Mesmo não sendo novidade, eu considero que ainda carecemos de um debate mais sincero das Ciências Sociais e, em particular, na antropologia sobre posicionalidades. De quais posicionalidades estamos nos referindo? Quais materialidades estão em jogo na produção científica feminista? Há espaço para uma mulher racializada do nordeste do Brasil?

A partir de um olhar de e para a América Latina, eu trago três intelectuais negras que fundiram, na perspectiva de Anzaldúa, que eu trouxe aqui pra vocês, a experiência pessoal e a visão de mundo com a racialidade, realçando produções feitas por e para mulheres racializadas, produzindo uma ciência a partir de materialidades específicas e particulares. E escrevendo sem ter "um quarto só para si", parafraseando aí a Virgínia Woolf. Refiro-me à Lélia Gonzáles, à Beatriz Nascimento e à Fátima Oliveira, autoras que produziram conhecimento para dar conta da realidade das mulheres negras, a partir do sexismo, do racismo e da Saúde.

Existe em suas obras (que vão desde textos mais acadêmicos a textos para jornais, discursos, poesias, produção técnica e audiovisual) uma ciência localizada, mas não somente né? Pois não se trata apenas de posição, mas de uma produção outra, que vem justamente da forma como elas fundiram a subjetividade - mulheres autodeclaradas negras - com as materialidades (e às vezes essa materialidade era o próprio corpo) que estavam ao seu alcance, trazendo para discussões o enfrentamento epistêmico e político de ser mulher negra, produzindo conhecimento sobre e para mulheres negras.

Como resultado, temos uma série de produções que versam sobre a situação dessas mulheres em termos econômicos, políticos, éticos e subjetivos, como as condições de trabalho, educação e saúde. Suas análises são tão potentes, que parecem falar do hoje, de nossa realidade atual, exemplificando assim o que acontece quando enfrentamos o fato de fazer pesquisa desde dentro. E quando esses subjetividade se cruzam trazem aproximações tão intensas que nos deslocam desse lugar, da antropóloga, da pesquisadora. Lembro de um depoimento de uma aluna dizendo numa disciplina sobre a epistemologias negras o seguinte: "Lélia, somos nós, sou eu, é minha mãe, é minha tia... A história dela é a nossa história, e por isso consegue nos capturar e enxergar a nossa realidade. Ela nos ajuda a identificar o racismo". Refletindo juntas, né? eu e a aluna, depois percebemos que a produção da Lélia González ela conseguiu atingir o alvo: ela chegou em quem ela queria que ela chegasse, né? E o mesmo eu poderia dizer da Beatriz Nascimento e da Fátima Oliveira. A produção, por exemplo, de Fátima Oliveira, uma médica negra feminista, atingiu uma população inteira, pois ela esteve à frente das diretrizes nacionais para elaboração da Política de Saúde da População Negra, e trouxe para a Bioética a discussão sobre racismo e feminismo.

Provocada pela proposta da mesa, eu vou trilhar aqui alguns caminhos né? Ou que eu prefiro chamar de becos, com algumas profissionais de saúde que participaram da pesquisa "Quem cuida de mim?", que foi uma pesquisa que eu realizei recentemente no meu pós-doutorado, e assim trazer elementos para discutirmos sobre a produção de uma Antropologia ou de uma ciência Feminista Negra.

O campo de pesquisa e as experiências destas profissionais de saúde me levaram ao que Patrícia Hills Collins define como "uma ética de cuidado e responsabilidade entre as mulheres negras", que envolve uma dimensão mais do que individualizante, indo para uma produção coletiva ou comunitária. Ou, como Sueli Carneiro fala, definiu, "uma produção que pensa o cuidado de si e o cuidado com os outros", né? Como eu exemplo eu cito os próprios trabalhos tanto de Lélia González,

como de Beatriz Nascimento, como de Fátima Oliveira, onde as suas próprias experiências de vidas e de intelectualidades estão misturadas a tantas outras mulheres negras na América Latina. Me coloco nesse cruzo entre individualidade e coletividades, e penso o meu processo de pesquisa principalmente em trabalhar a partir das experiências de profissionais de saúde.

A atenção direcionada a essas profissionais de saúde e aí, só contextualizando, eu fiz essa pesquisa em plena pandemia, foi uma motivação importante ao observar que dentro de tantas narrativas de médicos, de médicas e de enfermeiras, não víamos quase nenhuma mulher negra nos noticiários mais acessados. Aquela rotina tão veiculada de cuidado com a família, com os filhos, de mudança de moradia, de se isolar em parte da casa, não era protagonizada pelas profissionais negras, né? E aí eu me perguntava: "e para elas? Como foi essa rotina? Eh, como foi essa virada de cabeça para baixo nos serviços de saúde?"

Quando olhamos para estatísticas, as profissionais negras foram as que mais morreram. Elas tiveram menos menos treinamento, uma desigualdade que refletia também os dados mais amplos da população com a maior mortalidade registrada entre a população negra. Contar essas histórias era uma forma de trazer para perto, de refletir em outras pessoas negras a experiência no mundo em tempo de caos. Portanto, tratava-se de coletivizar narrativas outras que não estão acessíveis facilmente. Mas quando reflito sobre as minhas escolhas, enfrento o fato de que não era somente isso, que por si já justificariam as minhas escolhas de pesquisa. Mas havia algo aí nesse campo que se dá no campo de desejo de pesquisa, que numa perspectiva psicanalítica, eu diria que diz respeito às minhas experiências pretéritas com profissionais de saúde, uma vez que desde muito cedo eu tive contato com essas profissionais, ao passar por sucessivos internamentos hospitalares.

Quando olho para o passado, a cor nessas instituições era tão localizada, tão dicotômica, ou como nos fala Maria Estela da Silva, havia um silencioso "apartheid" dentro dessas instituições: médicos e médicas brancas, com as quais eu tinha pouco contato, e profissionais da enfermagem, que cuidavam literalmente de mim. Nesse sentido, havia um desejo ali. Eu queria falar sobre essas pessoas, quem são, como é que elas chegam ali. Digamos que, dessas primeiras experiências até a realização da pesquisa, passaram-se alguns anos. E a confluência de estarmos numa pandemia, a visibilidade dos profissionais de saúde, e o fato de estar na minha licença pós-doc foram condições que me fizeram dizer "é agora", né?

Mariza Peirano, ela fala do acaso para explicar as escolhas de pesquisas de alguns notáveis antropólogos, né. Mas nesse caso, eu parto de algo oposto, seria "o desejo de" ou "a intenção revelada" não é? E isso tem impacto na produção científica e aqui eu não estou desconsiderando o acaso, pois eu sei que ele produz bons resultados, mas eu estou marcando que há escolhas deliberadas dentro desse processo. Partindo do desejo, começa então o trabalho de planejar, escolher, contactar, e neste caso contou com uma ampla rede de mulheres negras bem consolidadas em Pernambuco.

Meu conhecimento sobre profissionais, advindo de pesquisas anteriores, proporcionou ter o acesso a essas sujeitas importantes, que poderiam me ajudar no contato com outras mulheres negras. E eu quero chamar atenção para vocês por essa ideia de rede mesmo, né? Mas eu enfrentava o cansaço e a falta de tempo dessas profissionais, mesmo a pandemia estando em níveis mais controlados. Aqui

foi importante insistir na rede e numa categoria que pouco incorporamos em nossos trabalhos, a amizade. A partir de uma delas íamos solicitando a indicação de uma amiga, pois compreendíamos que a amizade era um ponto importante nesse processo de se pensar uma ética de cuidado negra.

Aqui eu falo "nós", pois participaram da pesquisa além de mim, uma outra antropóloga, pesquisadora, mais dois alunos de iniciação científica, recém chegados à universidade. Nós tínhamos encontros para planejamentos e trocas, mas tudo muito difícil, pois todos nós estávamos ainda afetados pela covid-19. Então emoções, dificuldades financeiras, saúde mental, tudo se entrelaçavam mostrando como esses bastidores das pesquisas impactam na produção de conhecimento.

Nós entrevistamos 14 mulheres que se dispuseram a compartilhar suas experiências conosco, e as riquezas dessas narrativas ainda não foram totalmente compartilhadas. Decidimos dividir em três eixos as entrevistas: as trajetórias pessoais e familiares; a trajetória educacional e profissional; e a experiência com a covid-19 e o racismo. Na verdade, o racismo, ele foi a linha condutora para o diálogo que ali se pretendia estabelecer. Se, a princípio, o recorte eram mulheres que estavam na linha de frente, mais diretamente as médicas e as enfermeiras, esse leque ele foi aumentando, uma vez que outras profissionais também estavam e eram consideradas trabalhadoras, ali, da saúde que também estavam nessa linha de frente, como psicólogas, assistentes social, ACS, técnicas de enfermagem.

Enquanto pesquisadora e mulheres negras fomos muito impactadas pelas narrativas dessas mulheres. Em vários momentos os choros foram compartilhados, pois as cenas compartilhadas nas trajetórias pessoais e familiares e educacionais nos eram muito próximos. Como trazer tudo isso então para análise, para a escrita? Foi no sentido de realmente trazer a voz dessas mulheres, não apenas no texto acadêmico, que surgiu a ideia de transformar as entrevistas em podcast. Pois além de uma ferramenta metodológica e epistêmica, o podcast ele podia circular entre elas, esse conjunto de narrativas, que no momento apenas nós da equipe de pesquisa tínhamos acesso. Foi um outro momento muito importante da pesquisa: ouvir, recortar, juntar, criar uma narrativa curta, mas que não perdesse a potência.

Aprendemos muito também com esse processo uma vez que foi de forma muito amadora, né? Pois queríamos fazer, mas nem sempre o áudio ajudava, pois foi gravado em locais muito barulhentos. Não tínhamos a intenção na verdade de usar esse material para esse tipo de produção. No total, nós conseguimos produzir seis episódios, que estão disponíveis nas principais plataformas [Museológicas Podcast - Quem cuida de mim?], e ainda queremos realizar as outras. Que isso é uma cobrança inclusive delas, porque todas querem que é as suas narrativas estejam ali presente nesse formato do podcast, né? Nesse sentido, nós estamos produzindo conhecimento a partir de vidas, e é essa vida que desejávamos ressaltar.

E como as mais velhas já fizeram, precisamos acionar também outras formas de comunicar para chegar a essas pessoas. Voltando às subjetividades cruzadas que eu falei na introdução, essas subjetividades cruzadas eu compartilho com vocês, então, alguns cruzos advindos desse processo de pesquisa com essas profissionais, com as questões levantadas por elas durante esse processo.

E aí um dos pontos que eu gostaria de falar para vocês a partir das é reflexões delas, foi essa ideia de pensar o racismo cotidiano que essas mulheres passam em suas instituições profissionais. E como esse racismo, ele vai sendo vivenciado a partir do que eu tô chamando de uma "continuidade colonial".

E aí tem um processo né, que um dos episódios do podcast é chamado "Sem sair do salto", que foi uma das narrativas dessas mulheres narrando o processo de ela trabalhar sempre com o salto alto, porque ela era sempre confundida, e ela é uma enfermeira, uma enfermeira chefe de uma equipe, e ela era sempre confundida com a pessoa da limpeza. E aí ela fala: "nada contra a pessoa da limpeza, mas ninguém nunca vai relacionar o meu corpo, de uma mulher negra, como sendo a enfermeira chefe". Então ela sempre usava o salto alto que era para se diferenciar nesse processo, né? E aí eu trago essa relação, inclusive dessa utilização desse salto alto, porque historicamente, quando as escravos conseguiam a sua liberdade, uma das primeiras coisas que eles adquiriam era os sapatos, porque isso era uma forma de se diferenciar também desse processo. Então a forma como Patrícia, ela utiliza, e ela fala muito bem que isso é uma estratégia que ela tem de convivência nesse campo, que é um campo extremamente embranquecido pela sua própria constituição.

E foi em cima dessas narrativas, e de tentar capturar a partir dessas narrativas, esse racismo cotidiano, né? pensando pouco aí com Grada Kilomba, como esse racismo cotidiano ele faz parte dessa própria experiência enquanto profissional de saúde. E aí eu vou encerrar por aqui, teria outras coisas mais interessantes para falar, mas depois a gente pode retomar esse assunto é no debate. Obrigada gente.

**Daniela Manica:** Obrigada, Ana Cláudia. Eu vou passar então para então a Alejandra Roca, que é professora na Universidade de Buenos Aires.

**Alejandra Roca:**

Bueno, ya voy a hablar en español porque tengo un excelente portunhol, pero no lo van a entender. Agradezco enormemente acá la invitación de las colegas encontrar también a Fabiola, también acá la compañera que no la conocía, estuvimos hace poco en Buenos Aires también trabajando encontrándonos y es un placer realmente trabajar y encontrar estas queridas colegas que hace muchos años que nos conocemos y conocemos nuestros trabajos y con quién tenemos coincidencias también en las trayectorias.

Un poco la idea era comentar un poco nuestras trayectorias y también ver en qué confluyen y cómo estas trayectorias se fueron vinculando a esta cuestión, es que van a derivar en la ciencia la tecnología y la mirada de género, la perspectiva de género, la perspectiva feminista como de alguna forma eso está desde el principio en nuestras carreras, no? Yo soy antropóloga, estudié la licenciatura de Antropología en la Universidad de Buenos Aires y desde muy joven, más joven que ahora, empecé a trabajar en una cátedra que es la que actualmente sigo y ahora estoy a cargo de esa cátedra que es la Historia de la Antropología. Y entré a trabajar en ese área porque cuando era muy joven, creía que iba a trabajar en Historia de la Ciencia. Me fascinaba la historia de la ciencia y en particular la historia de la Antropología.

Ese interés por la historia de la ciencia estaba centrado, me doy cuenta ahora, en dos grandes interrogantes. Un interrogante más epistemológico, un interrogante sobre la formas de producción de conocimiento, cómo se tensionan? Cómo aparecen? Cómo se van relacionando? Particularmente en relación a la producción de conocimiento antropológico. Desde el siglo XVII, XVIII al XIX, la antropología victoriana, como ya se consolida un modelo de ver al "otro", no? De pensar la sociedad, pero sobre todo de pensar las desigualdades, las diferencias sociales.

Y el interrogante epistemológico tiene que ver con que realizamos, pensamos, reflexionamos, ejercemos nuestro trabajo en la antropología desde aquí, desde Latinoamérica. Sin embargo, nos formamos pensando desde allá, desde Londres, probablemente no?, desde Oxford o Cambridge, donde la disciplina va tomando su forma definitiva, donde se constituyen las primeras cátedras de Antropología, donde se va formando el "espesor", digamos, de la teoría antropológica ya separada de las ciencias naturales o de el resto de la filosofía política y la ciencia social, o la economía. Y el interrogante epistemológico estaba dado en ese momento por: cómo enseñamos una historia de la ciencia, una historia de la antropología, que contemple que no estamos allí, que no pensamos desde Londres, que deberíamos ser capaces de pensar una antropología que esté vinculada a el lugar desde donde pensamos.

Eso hace mucho tiempo, parecía difícil de categorizar, por supuesto más adelante, las teorías decoloniales empiezan un derrotero de pensamiento sobre los problemas de la situacionalidad. Pero particularmente va a ser Donna Haraway quienes nos va a dar ese marco para pensar la epistemología situada... y ahora voy a referirme después de nuevo a eso. Pero sobre todo en la historia de la antropología, por ejemplo, Argentina al y meternos un poco a indagar, cuál es su origen, donde se empiezan a producir las primeras contribuciones, lo que encontramos es básicamente la el desarrollo de una disciplina en una relación de subalternidad, no?

Una subalternidad que va a estar caracterizada por la predominancia del pensamiento y de los científicos europeos, pero también de una especie de mirada acrítica de la idea de contribuir a una ciencia universal y neutra, en la que desde nuestros países, aportábamos como granitos de arena a un gran proyecto universal. Eso en la antropología, muy tempranamente, hubo una reflexión y una mirada crítica sobre el rol de los antropólogos en los en los procesos de colonización, como el propio saber que producía la etnografía era una materia prima para esa dominación.

Entonces, la antropología contó con herramientas más tempranas para poder interrogar sobre a qué fin responde la producción de conocimiento, cuál es el rol de los científicos en estos procesos de dominación y como en el fondo estaban contribuyendo a naturalizar la desigualdad estructural en la sociedad y entre las sociedades. Entonces, desde ese inicio, pensar la historia de la antropología en el fondo había cuestiones que iban a quedar mucho más en evidencia cuando empezaron, más tardíamente a partir de los años 80 aproximadamente, los aportes de los estudios de género a los estudios de la ciencia sociales de la ciencia y la tecnología.

Esos aportes hacían poner en evidencia que la ciencia desde esta definición - neutra, objetiva y universal - estaba siendo ciega a las desigualdades estructurales. Que en ese momento, esos primeros aportes, van a hablar solamente del lugar de la mujer, no? En la primera etapa, esos primeros aportes hablan de el lugar de la mujer. Faltan mujeres aquí, faltan mujeres allá, parecía que

las preguntas que podíamos hacernos en ese momento era solamente pensar que pasaba con las mujeres en la ciencia.

Porque se había empezado a evidenciar sobre todo desde una perspectiva más estadística, si se quiere, el techo de cristal, que las mujeres no accedían a lugares de decisión, que cuando si bien contribuían a la producción del conocimiento científico en todas las disciplinas, había disciplinas en las que no accedían. Y parecía que las preguntas, digamos, oportunas para esa etapa era, bueno, porque las mujeres no estudian ingeniería?, por qué no quieren ser astronautas? , no?

Y con el tiempo esa esa capacidad crítica empezó a complejizarse y pudimos empezar a ver que el problema no eran las mujeres, sino que el problema eran las desigualdades estructurales, las enormes asimetrías que encubre la idea de la carrera al talento y el mérito, que es el que transcurre en nuestra vida dentro de la universidad. Que es la idea de la producción de una ciencia universal a la que contribuimos y en las que con nuestro talento hacemos grandes avances y que lo único que mira el sistema científico es el mérito.

Entonces esa trama de desigualdades, de asimetrías, de puntos de partida, de capitales culturales diversos empezó a quedar en evidencia y empezó a volverse cada vez más visible gracias a esos primeros aportes de los estudios de género, en los estudios sociales de la ciencia y la tecnología. Y eso, en el fondo, en mi caso, pensando en mi trayectoria me daba la oportunidad de volver a pensar la historia de la antropología y volver a pensar, digo, empezar a poder visibilizar con mayor precisión, cómo estás academias de Antropología americana, Argentina, en mi caso, que era lo que más había estudiado, subalterna, obediente, sumisa, pendiente de la mirada y de la aprobación o la desaprobación de los científicos europeos, que construía su relato y su explicación del mundo y de los otros mirando la forma en que se había producido esa explicación desde los centros hegemónicos de poder.

Como también esto era una oportunidad para poder representar la voz de la subalternidad y la antropología había empezado y había generado a partir de de la descolonización, en los años 60, había generado alternativas críticas muy potentes para poder prestar voz a los subalternos, para poder girar la mirada de pensar la realidad. Acá la compañera, por ejemplo, acaba de expresar, no? una una investigación en donde es la voz de estas mujeres, la que está en primer plan, y la que ella quiere dar lugar, y que ella quiere potenciar, y que ella quiere que ellas también escuchen su propia voz. O sea, que son procesos que, creo, que van a confluir en esta idea de situacionalidad, de interseccionalidad, en donde podemos ver una trama compleja y que y de varias capas de subalternidades, de desigualdades que, como antropólogas y antropólogos, nos toca empezar a desmalear empezar a poder revelar ese cuadro y encontrar una voz propia.

Una voz donde podamos construir conocimiento por fuera de la mirada benevolente, o paternalista, o este aprobatoria de la comunidad científica europea, que es la que es da origen a nuestra disciplina, finalmente, no? Estoy pensando como bueno, claro, hablar en Brasil de esto es casi una ironía, pero toda la idea de Paulo Freire y la pedagogía del oprimido también fue un punto de inflexión en el que se empezó a desarrollar la idea de transmitir y producir conocimiento a partir de los saberes del otro, y no de pensarlo como una caja vacía etcétera. Todas esas teorías en los años 60, 70, van a empezar a conformar un pensamiento potente crítico.

En el caso de la ciencia y la tecnología, fíjense que coloniales somos... los estudios sociales de la ciencia de la tecnología, en general, si ustedes leen un manual, van a encontrar que tienen su origen en Edimburgo, en los años 80, donde están todos los grandes popes, las grandes luminarias, de los estudios sociales de la ciencia. Entre ellos Bruno Latour, recientemente fallecido, a quien amamos, a todos ellos. Un gran homenaje, sin embargo. Existió una escuela de pensamiento latinoamericano en ciencia y tecnología en los años 60 que fundó la maestría de Buenos Aires y la de Campinas, de política científica. Pero grandes pensadores como Sabato Versace; Amílcar Herrera; pensamiento latinoamericano absolutamente desconocido por la Academia.

En ningún manual que hable de cómo se desarrollan estos estudios se conoce siquiera a estos pensadores porque escribían en otro idioma que no era inglés porque no escribían desde la academia, escribían desde la arena política, porque estaban desarrollando una mirada muy potente, muy crítica, muy ferozmente politizada sobre el desarrollo tecnológico y la producción de conocimiento en forma soberana en Latinoamérica. En forma contestataria eran, digamos, estaban basados en la teoría de la dependencia. Tenían una clara noción de que la dependencia económica y política era la que moldeaba nuestras academias, y esos siguen, esos pensadores siguen siendo ignorados. Porque? Porque es evidente que aún producimos conocimiento según los modelos que nos han, en los que nos hemos formado, y no tenemos todavía o la capacidad crítica, o el suficiente volumen, o directamente la autonomía para poder mirar y pensar desde donde estamos, no?

O sea, que podemos teorizar sobre la epistemología situada y leer a Donna Haraway con mucho aprecio, y con mucha devoción, casi. Pero no ejercitamos esta autonomía. En general, citamos a los autores que escriben en inglés, a los que escriben en las revistas indexadas. No nos leemos tanto entre nosotros, eh? Leemos más lo que produce... O sea, seguimos produciendo conocimiento finalmente como en el siglo XIX, bajo la luz de la autoridad, o la paternidad, si se quiere, de si nos autorizan o no nos autorizan a hablar, o a decir. Y si tenemos voz o no tenemos voz.

Aí parece que el gran desafío que tenemos es construir una voz propia, que la antropología latinoamericana produzca teoría y que esa teoría sea leída. Y que no nos importe si nos están autorizando, no? y que vamos aprendiendo entre nosotros. Creo que la antropología es la disciplina que más experiencia, más trayectoria y más contundencia puede tener a partir de que trabaja con las personas y que busca darle voz a esas personas para poder volver visible lo invisible, qué es lo invisible en general.

Bueno, esa desigualdad estructural en la que nuestra sociedad está sumida, basada, en la que transcurre incluso nuestra actividad académica, aunque parecemos disimularlo porque oficiamos exactamente igual que en otras sociedades, porque la Academia es una especie de globo de vidrio, no? Parece que la sociedad va por un lado y nosotros seguimos debatiendo, encerrados en un aula. Sin embargo, esta academia está sentada aposentada, (no aposentado, es jubilarse), pasa, bueno, reposa, depende económica y políticamente de una sociedad es como las nuestras, que están basadas en desigualdades cruentas, tremendas. Y que no debemos naturalizarlas, y que nuestro lugar es básicamente visibilizar estas desigualdades, visibilizarlo, volver visible, darle voz.

Bueno, yo quería mencionar también, digo un poco tal vez, volviendo a esta cuestión de cómo los estudios de género empezaron a realizar aportes para poder dar cuenta de toda una trama de desigualdades y de asimetrías, y también en un principio, una de las preguntas era sí había temas más femeninos en la ciencia y la tecnología. Y, por supuesto, bueno, yo volviendo a mi trayectoria, yo empecé a trabajar en mi tesis de maestría con la información y el conocimiento respecto de la tecnología. El género, la tecnología aplicada a la salud y el cuerpo las las formas en que las revistas femeninas, en ese momento, me interesaban mucho. Siguen siendo interesantes las revistas femeninas, porque no sé si se siguen publicando revistas en papel, pero bueno, este sigue habiendo tópicos femeninos, verdad? Aunque sea, creo que alguien podría hacer algo similar en TikTok y ver todos esos tópicos femeninos que básicamente son belleza, hogar, decoración, cocina y cirugías y botox y toda esa tecnología, todo ese mundo de la tecnología dispuesto para este ser bellas, básicamente.

Con el tiempo después en el doctorado yo regresé un poco a la antropología y hice una etnografía de laboratorio y trabajé en un laboratorio de fertilización in vitro. Y en realidad esa fue la oportunidad donde más empecé a cuestionarme algunas de las cuestiones que parecían más, teóricamente más fáciles si se quiere para pensar la fertilización in vitro, para pensar los problemas de las tecnologías vinculadas con la fertilidad. Y fue una oportunidad para revisar también críticamente algunos postulados con los que venían estudiando, con los que venían desarrollándose algunos estudios de género. Entre ellos esta explicación y está vinculación entre la medicina hegemónica y el patriarcado, por ejemplo, no? E esa ocasión para mí fue una oportunidad para revisar críticamente y para también discutir los alcances y los límites de la noción, de algunas de estas nociones, en el caso de voy a simplificar porque queda menos de un minuto tal vez 10 segundos, en ese caso particular digamos a mí me dio la oportunidad para repensar una idea de ver mujeres haciendo tratamientos no en lugar de víctimas, sino en lugares de poder. Y los dejo con eso y si quieren, después, este lo seguimos en las preguntas lba a hablar del proyecto que tenemos actualmente, no llegue, pero si alguien pregunta, cuál es el proyecto?, se los cuento. Muchas gracias.

**Daniela Manica:**

Então fechamos com a professora Fabíola Rohden da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, eu passo a palavra.

**Fabíola Rohden:**

Bom dia todo mundo. Um prazer estar aqui também com Soraya, Alejandra, Ana Cláudia para falar um pouco, o convite que foi feito pra gente foi que a gente falasse um pouco das nossas trajetórias ou a partir das nossas trajetórias, né? Então eu acho que são trajetórias que falam de desconfortos. Mas também de certos engajamentos criativos. E esse foi o título que eu dei aqui para mim a intervenção. Então essa apresentação, ela é dialoga com alguns questionamentos feitos na proposta dessa mesa redonda.

Em especial ela parte de uma questão que eu tô chamando aqui de anterior, talvez, que seria o que é ou do que se trata uma "Antropologia feminista da ciência e da tecnologia na América Latina". Tenta situar o que seriam algumas especificidades dessa perspectiva na região relacionadas às condições de produção das análises das antropólogas feministas nos contextos locais. Propõe que esta forma de fazer antropologia assume contornos próprios relacionados à dimensão teórica, à pesquisa

etnográfica e aos engajamentos ético, epistemológico e político que podem ser traduzidos por uma necessidade constante de enfrentar desconfortos, deslizamentos, desestabilizações, enfim, que podem ser potencialmente criativos. Mas precisamos discutir.

Em sintonia com esses processos tem lugar central, na minha perspectiva, a defesa da situacionalidade de quem faz a investigação e do próprio empreendimento científico; o questionamento de uma ideia de verdade ou ontologia única, preconcebida e estável e o compromisso com análise crítica da ciência da tecnologia que se pretende dialógica e responsiva.

Bom, tentando então adentrar, né nessa questão que tipo de Antropologia feminista da ciência fazemos a partir da nossa situacionalidade, né? Haveria especificidade de uma tecnologia feminista da ciência e da tecnologia feita na América Latina? Um primeiro tópico, eu acho que tem a ver com o contexto que de certa forma, né, também já foi falado pela Ana Cláudia e Alejandra, eu acho que tem a ver com, talvez, nós tenhamos aqui outros engajamentos que colegas de instituições pensadas como centrais ou do Norte Global, não precisam enfrentar tão diretamente.

Questões mais gerais, como contextos de desigualdade social, de dificuldades de garantia de direitos. Especialmente nos últimos quatro anos passados, a gente viveu isso ainda muito mais intensamente no governo Bolsonaro, mas também questões mais específicas, como os ainda frequentes questionamentos da validade dos estudos de gênero e de uma perspectiva feminista, assim como a legitimidade das pesquisadoras e docentes dessa área. Isso não é um problema do passado, isso ainda é um problema do presente. Poderia citar aqui muitos exemplos de situações em que isso acontece, né, nas disputas ou nas discussões sobre as disciplinas, sobre a gestão dentro da Universidade, sobre editorias.

Eu me lembro, por exemplo, de um caso em que eu, com colegas, estávamos editando um número sobre gênero, sexualidade e ciências, saberes, enfim, em uma revista conceituada e o editor da revista achou por bem que ele poderia intervir ou discutir quais eram os trabalhos adequados para compor esse número de gênero, né? Eu me perguntei, nós nos perguntamos e fizemos essa pergunta para ele, se ele faria o mesmo tipo de intervenção para uma outra área, que não fosse a área de gênero e sexualidade, né?

Então são esse tipo de situações que a gente... essa é uma situação "suave", mas é esse tipo de situações que a gente enfrenta no cotidiano. Então situações de trabalho nas quais a docência, a pesquisa e a extensão se encontram constrangidas e condicionadas pela necessidade também de ocuparmos as funções administrativas e representativas dentro das universidades e fora delas. E até mesmo fazer isso para poder contribuir para a mudança nos padrões de gênero nesse cenários, sem contar aí também com as múltiplas jornadas de trabalho que fazem parte do nosso cotidiano.

Contudo, mesmo diante dessas adversidades, percebemos nos encontros, nas publicações internacionais, o quanto antropologia feminista da ciência feita aqui não deixa nada a desejar comparando com outros contextos. Essa é a minha percepção pessoal, evidentemente, mas também dá de alguns de algumas colegas com as quais eu converso. É muito arriscado dizer isso, mas talvez pela precariedade da nossa situacionalidade tenhamos alargado, tenhamos tido que alargar as possibilidades criativas em nossas investigações e reflexões analíticas e políticas.

Aprender, por exemplo, a extrair o máximo possível de uma situação etnográfica, de um trabalho de campo mais exigido pode favorecer ou mesmo exigir a produção de um olhar mais atento, presente, e inquieto. Seguindo adiante, né, passando por esse contexto que seria então essa antropologia feminista da ciência feita aqui, não vou fazer nenhum panorama, mas tratar disso a partir da minha experiência e trajetória de atuação. E eu tenho trabalhado com essas temáticas relativas ao estudo da ciência pelo menos desde a minha tese de doutorado, ou mesmo da minha dissertação de mestrado, e isso já tem bastante tempo (risos).

E atualmente, né? Eu coordeno o grupo de pesquisa "Ciências na Vida", junto com a Alejandra e com a outra colega de Portugal, que é a Chiara Pusseti, a gente também tá criando uma rede de investigações "Biotecnologia, saúde pública e ciências na vida", eu tenho trabalhado também, eu acho que tem um papel importante as tentativas de institucionalização que a gente tem feito nesse campo, né? Criando disciplinas na graduação e na pós sobre Antropologia da Ciência,. A gente fez isso lá na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, colegas fizeram isso em outras instituições também, orientando trabalhos nesses campos. Aqui a gente tem a Camila, e a Emília, que estão aqui e que são lá do grupo, e também organizando grupos de trabalho, organizando simpósios, organizando mesas redondas nos encontros que a gente tem de Antropologia ou de Ciências Sociais. E também realizando uma das edições da Reunião de Antropologia da Ciência da América Latina, a ReACT.

Então eu acho que são experiências que vão possibilitando pensar, né, refletir sobre o que que é essa área. Essa área então é um campo fronteiriço. E aí possivelmente residam suas forças. São diálogos, contrastes e tensões produtivas com o campo antropológico, por um lado, com os estudos sociais da ciência da tecnologia, com os estudos de gênero e sexualidade, com os estudos feministas e queer, com os estudos em torno da produção de conhecimento de práticas biométicas e da antropologia do corpo e da saúde.

Tô falando aí evidentemente do meu recorte da minha trajetória. Então esse lugar de fronteira está associado a uma necessidade de enfrentar o incômodo da conformação em determinadas áreas, discussões ou mesmo grupos específicos. Ao olhar para o lado e ver o que pode haver de novo interessante, campos fronteiriços trazem entrecruzamentos como possibilidades criativas e de expansão do que fazemos, e eu acho que talvez todas nós aqui tenhamos essas trajetórias de inconformidade de estar em uma determinada área muito fechada e buscar alguma coisa mais. E aí que a gente cai na antropologia feminista da ciência e da tecnologia, pelo momento na minha leitura.

Então nessa antropologia da ciência, como Alejandra também, acho que já falou, os estudos feministas há muito ajudaram a forjar uma perspectiva robusta de análise crítica da ciência e da tecnologia. Há muito questionavam os parâmetros e pressupostos do projeto científico moderno e sua associação a uma visão de mundo pautada em uma organização essencialista e binária em termos de gênero. E muitas vezes, a gente tem dificuldades de fazer os nossos colegas, inclusive colegas de área da antropologia da ciência, de entender essa trajetória paralela que os estudos feministas da ciência e da tecnologia já vinham fazendo há bastante tempo e assumindo reflexões que eu acho que são absolutamente pertinentes e muito bem embasadas.

Então eu acho que essas singularidades possíveis, nós podemos falar tanto em termos de perspectiva empírica, a partir de novos e diferentes objetos com os quais somos desafiadas a pesquisar. E eu acho que esses objetos, eles nos remetem a muitas articulações heterogêneas. E aí eu falo não somente dos objetos de pesquisa que eu investiguei diretamente, mas principalmente da variedade enorme com a qual a gente tem contato a partir do trabalho, sobretudo, das estudantes de pós-graduação e também de graduação. Então são linguagens diferentes, a linguagem da neurociência, a linguagem da genética, a linguagem da biologia, enfim. São autoridades muito sedimentadas então fazer pesquisa no campo biomédico, para todo mundo que já enfrentou isso, e Ana Cláudia estava falando disso também, né?, a gente lida com autoridades muito sedimentadas e muitas vezes é difícil enfrentar e conversar com essas autoridades.

Mas eu acho que esse é um enfrentamento, digamos, que tanto a antropologia de um lado quanto o feminismo, de outro, fazem ou devem fazer. E eu acho que aqui a gente vê isso um pouco mais acentuado, mas, assim, a questão é seguir mais profundamente nesse caminho. Temos também, além dessa perspectiva dos desafios dos objetos empíricos, desafios que no se refere à perspectiva teórica, e eu acho que aqui temos um compromisso com as desestabilizações e com as multiplicidades, e também uma perspectiva ética e política que está em cena o tempo todo e que se remete a mostrar e a reivindicar os engajamentos e a prestar contas da ciência que fazemos.

Então, no campo teórico, né, nesses dois níveis, no campo teórico e das disputas de sentido, né, das disputas das políticas ontológicas, eu sugiro que esse trabalho implica enfrentar questionamentos sobre a existência de uma verdade única, sobre determinismos essencialistas, ou pensar a partir de realidades e ontologias múltiplas. E esse enfrentamento tem se dado pela defesa da situacionalidade do conhecimento. Por isso que isso está na proposta da mesa, está nas nossas três falas aqui, pelo rompimento com uma ideia de realidade ou matéria única e pré-concebida. Então com o tema das materializações. Implica pensar também no desafio de ir além do nosso velho conhecido, o construcionismo social.

Especialmente no campo dos estudos sobre corporalidades e uso das tecnologias biométricas se faz necessário incorporar diferentes tipos de materialidades, substâncias, entidades, enfim, sem cair novamente nos essencialismos ou mesmo num tipo de fundacionalismo biológico. No meu caso, tem implicado em testar saída como processo de materialização, nos quais corpos, substâncias, artefatos como agulhas, implantes comprimidos, mas também sentimentos ou sensações não têm garantia de uma existência anterior ao fenômeno, não é pré-dado, original, mas, do contrário, se fazem no processo relacional e sempre contínuo.

Então nessa antropologia feminista da ciência que tenho tentado fazer, tenho privilegiado a investigação de como as diferenças de gênero operam ou coproduzem o projeto moderno que a gente poderia chamar de um projeto de purificação, se usarmos a linguagem latouriana de purificação, mas o tempo todo produção de híbridos também. E como na chamada sociedade ocidental moderna, com todos os problemas dessa categoria, essa produção das diferenças de gênero se apoia numa distinção operada pela ciência entre por um lado, natureza, biologia, essência, imutabilidade e, por outro, cultura, variações sociais, transformações. É bom lembrar inclusive que as próprias Ciências Sociais, a Antropologia e os estudos feministas já acreditaram nessa distinção e muitas vezes operaram com ela.

Para investigar isso, tenho recorrido à teoria feminista de gênero, que há muito então discute as oposições constitutivas da modernidade, para além dos estudos sociais da ciência e da tecnologia. E eu arriscaria dizer muitas vezes até mais profundamente que determinados ramos dos estudos da ciência da tecnologia. E tenho investigado, então, objetos que implicam a relação entre corporalidades, subjetividades, e tecnociências. Num primeiro trabalho, que foi resultado da minha tese de doutorado, que se chama "Uma ciência da diferença", e esse nome é exatamente, uma provocação em torno da obsessão da Medicina do século XIX com a produção da diferença sexual. E essa obsessão, ela acontece não porque o essencialismo centrado na Biologia era pensado ou era tido como garantido pré-dado, estável, mas muito ao contrário, porque essa crença na diferença como biológico ou como uma essência era questionada o tempo todo. E em função desse questionamento que você produz um discurso tão poderoso de reafirmação ou de reificação da diferença sexual.

Então é uma tentativa já, nesse trabalho, de trabalhar com a instabilidade da produção das diferenças, né? Ou como a substancialização da diferença sexual, e eu acho que essa categoria da substância para mim, ela é muito importante, ela é o tempo todo produzida a partir da sua própria instabilidade. E no trabalho da tese, também, lidar com essa estabilidade era também pensar de maneira paralela como as categorias de raça, e de nação brasileira estavam sendo pensadas naquele momento. E como se produz um discurso sobre a população brasileira a partir de parâmetros da eugenia que tem a ver com raça, gênero, diferença sexual.

Depois eu trabalhei também com temas que tem a ver com gênero e neurociências com o campo da sexologia e da farmacologização da sexualidade; categorias como disfunção sexual feminina, masculina; intervenções farmacêuticas e cirúrgicas, em torno de hormônios como a testosterona, ocitocina; a síndrome do ovário policístico mais recentemente e cirurgias estéticas. E pensando nesse trabalho, né, de mais longo termo que tenta tratar da ciência da Medicina do século XIX, mas também tem essa ciência contemporaneamente, é possível perceber algumas mudanças, obviamente, mas algumas constantes que continuam me assombrando.

E essas constantes tem a ver com o fato de que essa substancialização da diferença, ela continua presente. Então, se no século XIX, a gente via essa substancialização sobretudo demonstrada pela anatomia ou por uma descrição fisiológica da diferença entre corpos de homens e mulheres, no início do século XX, a gente vê essa diferença pensada muito a partir dos hormônios como secreções internas, que vão passando a explicar como corpos de mulheres e homens funcionam de uma maneira diferente. E, portanto, todo o seu comportamento poderia ser explicado dessa forma. E mais recentemente, ainda pensando nos hormônios, mas também pensando a partir da neurociência, da genética, a gente vê uma reafirmação dessa substancialização da diferença sexual, que a gente poderia discutir, que seria muito mais molecular, né menos anatômica, menos fisiológica, mas mais "molecular".

Mas o fato é que essa tentativa de naturalizar as diferenças em algum tipo de entidade ou substância, ela continua acontecendo. Então isso remete a uma espécie de durabilidade, temporalidade, ou de uma presença constante dessa busca por fundamentar a diferença calcada ainda nos essencialismos biologizantes, ou ainda, numa ideia de biologia e de natureza. Já

caminhando, para como eu tenho pensado essas questões hoje em dia, essa relação a respeito da substancialização da diferença, entre esses vários campos científicos e biométicos, eu acho que podem ser muito bem refletidas a partir dessa ideia de "processos de materialização" que podemos reconhecer na produção dessas tecnologias biométicas.

Então estudar como as pessoas intra-agem, para usar uma categoria que é da Karen Barad, com diferentes artefatos biomédicos, como exames, diagnósticos, tratamentos, medicamentos próprios e cirurgias, é tentar pensar a relação entre essas corporalidades essas subjetividades e artefatos de uma maneira mais intrincada. Então pensar por exemplo sobre os implantes corporais, ou sobre as cirurgias estéticas, além de uma distinção prévia entre a substância ativa, ou o bisturi, e as percepções pessoais, mostrando a complexidade dessas intra-ações, desses atores materiais-semióticos, como diria a Donna Haraway, ou pensando também via as "ontonormas", que é uma categoria da Annemarie Mol.

Como essa lógica de utilização desses recursos, ela expressa mais uma vez essa produção das diferenças de gênero, mas ela se atrela no contexto atual a outras lógicas, como a lógica do aprimoramento, que, por sua vez, está absolutamente pautada, pelos ideais neoliberais de "seja empreendedora de si mesma coisa, do seu próprio corpo", entre uma lógica pós-feminista de que "todos os problemas já teriam sido resolvidos", e agora podemos simplesmente cuidar de nós mesmas, do nosso corpo, da nossa estética, e por aí vai.

Então a partir desses exemplos eu tenho pensado essa relação entre biotecnologias, transformações corporais e subjetivas ou biomedicalização da vida. Tentando acoplar ou aglutinar essas diferentes dimensões, e uma categoria que para mim tem sido interessante para pensar, mas é uma categoria sujeita aí à nossa conversa e à nossa discussão, é a ideia de "subjetividade sintética". Que é exatamente um esforço, uma brincadeira conceitual. mas enfim voltando aí ao que a Alejandra estava falando, ela tava dizendo também, a gente tem que ousar fazer as nossas brincadeiras ou os nossos esforços conceituais aqui também. E a gente faz isso e a gente tem que expor isso, mas é uma categoria, então que tenta trabalhar com essa ideia de uma subjetividade que hoje em dia, a partir dessas várias intervenções, com cirurgias, hormônios, etc. é produzida a partir dessa combinação com esses elementos externos, com essas próteses, com esses recortes na carne, mas também com essas operações nos filtros dos aplicativos de celulares. Onde a gente vai produzir imagens de si que são cada vez mais permeadas por n tecnologias diferentes, e vão por sua vez criando uma imagem de natureza, uma imagem de realidade, que na verdade não corresponde à diversidade das nossas vidas, dos nossos corpos, das nossas realidades, enfim. Como meu tempo já passou, eu fico por aqui, mas enfim, depois a gente continua.

[palmas]

**Daniela Manica:**

Bom, então com isso a gente encerra as três apresentações e eu passo a palavra para Soraya Fleischer, que é antropóloga, professora da UnB, colocar algumas questões e amarrar alguns pontos dessa conversa.

**Soraya Fleischer:**

Bom dia! Eu vou começar falando da minha situacionalidade, tá? Eu sou uma mulher em perimenopausa. E eu quero falar mais disso, não aqui hoje, mas eu quero que a Antropologia, eu tô deixando uma agenda, a gente precisa pesquisar a peri, a menopausa e a pós-menopausa. E isso quer dizer, no meu caso, na peri, que meu principal sintoma é insônia. Então eu tô meio sem dormir há alguns dias, então essa é a minha situacionalidade (risos). Mas, enfim, isso é uma outra agenda, eu queria começar agradecendo a presença dessa sala tão cheia, né? Tão diversa, colorida, muito agradecida pelo interesse de vocês de terem vindo até aqui.

Agradecer também as nossas colegas, que vieram de três lugares, né? E de três lugares dessa América Latina. Obrigado, né? Por terem vindo. Agradecer a Daniela, também, parceira aí de já muito tempo. E, eu quero falar, fazer só alguns comentários, na verdade. Eu tenho um ponto no final, mas eu queria sumarizar um pouco, o que Ana Cláudia, Alejandra e Fabíola falaram e depois deixar uma pergunta.

Eu quero reforçar como as três falaram de formas de fazer uma ciência feminista na Antropologia, e cada uma trouxe um conjunto de detalhes e descrições de como elas têm feito e de como elas têm proposto fazer, né? essa antropologia feminista da ciência e da tecnologia.

Então eu queria reforçar algumas coisas que elas falaram, então, por exemplo Ana Cláudia, fala, na fala dela nos mostra como ela tem identificado outras cientistas como modelos para ela se firmar e ela se identificar nesse mundo acadêmico e ela fazer a antropologia dela. Mas é muito mais do que o estado da arte, né? quando ela identifica essas três mulheres, né? Lélia, Beatriz e Fátima.

Ela explicita a presença dessas mulheres num contexto científico, ela explica porque que elas inspiram Ana Cláudia, e ela chama então isso de subjetividades cruzadas. Outra coisa que Ana Cláudia faz é de trazer os bastidores para o primeiro plano, eles não ficam escondidos ou só como andaimes de uma construção, que depois somem quando a construção fica pronta, né? .

Então, reconhecer, revelar e refletir sobre os bastidores da produção científica. E também uma outra coisa super massa que ela faz, é: os dados que ela e a equipe dela - sempre trabalhando em coletivo, né?, isso é uma outra coisa legal - mas, os dados que elas vão construindo em parceria com os interlocutores e as interlocutoras cientistas, esses dados, sobretudo, né, as experiências de racismo, esses dados revelam realidades que as próprias antropólogas acadêmicas também, como cientistas, vivenciam. Então há aí uma... os dados, eles não são somente para apresentar resultado, refletir sobre aquela realidade. É muito trazido de volta para pensar a própria Antropologia.

No caso da Alejandra, ela nos mostra então, né, algumas coisas que ela detalhou, de como é que ela faz, né? Então ela está falando assim, de modos de fazer, assim, um pouco "Michel de Certeau", assim, na veia, rs. Então ela nos fala assim como essa antropologia feminista da ciência e da tecnologia, ela é reflexiva. Então ela vai pensar sobre em que lugar, e aí ela tá pensando América Latina, essa produção é feita.

Qual é a ideia de ciência e quais são as formas de fazer essa ciência aqui, na América Latina. Identificar, então, começar a fazer historicizações dessa antropologia da ciência e da Tecnologia não só aqui, mas buscando outras experiências que não foram sistematizadas, por que foram feitas em

espanhol ou português, por que estavam escrevendo para além da academia e outros lugares, né? Então ela tá propondo também colocar outros marcos históricos, né, e resgatar outros fenômenos, produções, grupos de pesquisa e redes que não constam numa certa história canônica da ciência e tecnologia. E também propondo, a partir disso tudo, construir uma própria voz. Então é uma, de verdade, uma proposta decolonial mesmo, né? Uma voz que vem então dessa América Latina.

E então essa proposta reflexiva também, que Alejandra nos traz, é muito assim, pensando "não fazer sem pensar sobre o que se faz", não só ficar fazendo antropologia da ciência e da tecnologia, né, mas refletir sobre as escolhas, sobre as repercussões, né? sobre as finalidades, inclusive, Alejandra fala disso.

E aí, por fim, assim sumarizando um pouco a Fabíola, um dos ganchos que Alejandra discute muito é: não dá para pensar na produção da Antropologia da ciência e da tecnologia sem levar em conta as nossas desigualdades contextuais e estruturais, né? A Fabíola leva isso adiante, e pensa, então, uma das coisas que a Fabíola fala é, pensar nos contextos de desigualdades estruturais também na academia, para dentro da academia, né?

E aí outra coisa que eu acho muito legal, né? Por conta dessas desigualdades, mas também porque talvez seja uma marca dessa antropologia feita aqui na América Latina, uma dose alta de criatividade, para pensar trabalho de campo, para pensar tempo de trabalho, para pensar tipos de parceria, tipos de escrita, né?

Então, só para dar um exemplo, já que todo mundo falou um pouco das suas pesquisas: o livro que eu lancei ontem, o "Na cozinha da antropologia", ele tem uma reflexão sobre docência, mas ele também tem, uma das coisas que eu tenho feito é sistematizar experiências de trabalho. Se a gente é super cobrada por produtividade, por várias razões, né?, a gente já faz muita coisa além da nossa pesquisa. A gente dá aula. Então a gente sistematizar as experiências de sala de aula que a gente tem, também a produção de conhecimento, a sala de aula também é lugar de produção de conhecimento, né?

Então escrevo sobre isso com a Rosana Castro. Escrevo sobre isso com a Fabiene, que tá aqui, sobre aulas fizemos juntas. Então, pra gente pensar sobre o que que a gente escreve, né? Não é essa loucura, como a Fabíola fala, de só fazer pesquisa, fazer pesquisa, escrever sobre esses dados. Então a gente reconhecer que a gente já trabalha para caramba, né? Tipos de orientação, alguém me falou ontem assim, "Pô, antes de ler seu livro, nunca tinha pensado em como era um trabalho orientar, e a gente tem que sistematizar as experiências de orientação, né?!" Por que tem estilos, tem estratégias, tal... Então, essa criatividade que a Fabíola chama atenção.

E uma outra coisa muito legal que ela não chegou lá, mas eu queria reforçar, porque tá no final da fala dela, que ela nos mandou antes, é identificar e reconhecer, e falar de como gênero é constitutivo! Gênero, raça, as nossas interseccionalidades, são aspectos constitutivos da ciência, da antropologia da ciência e da tecnologia. E não adicionados depois, então quando a gente pensa a interseccionalidade, como diz a Ana Cláudia, e quando a gente pensa que tipo de ciência é essa que a gente tá ou fazendo, ou estudando, gênero, raça e classe são constitutivos, e não adicionados depois.

Então essas são algumas coisas que elas falaram do modo de fazer essa antropologia feminista da ciência e da tecnologia que elas têm feito. A mesa propôs então por aí, né? pensar um pouco nas carreiras delas, a partir das carreiras delas. Mas também, a mesa propôs, né, uma frase aqui muito importante do resumo da mesa: pretendemos, nessa mesa, discutir temas, questões e problemas a partir da situacionalidade de cada uma das pesquisadoras palestrantes. Então a mesa acata essa proposta, né? Chega ao ponto de dizer, como diz a Fabíola, pela defesa da situacionalidade do que a gente faz, né? Então ótimo.

Agora a minha pergunta, né, pra gente continuar pensando aqui, e depois, o quanto... então eu tô pensando em situacionalidades em termos de raça e cor, em termos de você, se dizer uma antropóloga feminista, em termos de você também se identificar como uma cientista latino-americana e você está produzindo em contexto de desigualdades históricas, né?

Dado tudo isso, o quanto dessas nossas situacionalidades são aceitas na nossa produção? E quais delas são aceitas? Às vezes, algumas são, outras não, em termos de aceitabilidade, em termos de possibilidades de falar do nosso lugar, e disso provocar diálogos, né? E aí pensando na ideia de fronteiras que a Fabíola falou. E nós temos fronteiras diferentes, ou a biomedicina, ou engenharias, ou gestão de política científica, ou instituições... as situacionalidades são aceitas nessas fronteiras? A minha experiência com a biomedicina é de que não são! A gente não tem muito espaço para falar. Isso é descartado. Isso é purpurina, isso é enfim firula, né?

E eu fico pensando também, né? Uma parte também, que a Fabíola deixou aqui no finalzinho, que eu queria reforçar. Será que na docência, dentro de sala de aula; será que na divulgação científica, que a gente tá tentando falar para públicos mais amplos, tem mais espaço pra gente falar das situacionalidade da gente? Mas quando a gente vai escrever nossos artigos; quando a gente quer uma revista A1, publicar lá; quando a gente tá fazendo as nossas progressões funcionais; quando a gente está em disputa por financiamento ou pro cargo de poder - porque a gente quer poder, claro -; e quando a gente está em concurso público, seleção de mestrado e doutorado; será que tem espaço pra gente falar dessa situacionalidade? Quando a gente está numa sala assim, né, com gente extremamente amistosa, ok, mas e quando a gente está em outros lugares, né?

Então, eu queria pensar um pouco também sobre, a proposta é ótima, mas o quanto que a gente precisa desenhar também estratégias para poder levar a situacionalidade na produção científica como um aspecto dessa produção, né? Como uma forma de a gente fazer essa antropologia feminista. Não é uma coisa menor. Acho que é isso que a mesa está nos dizendo, né, é isso. Eu só queria deixar um recadinho e ter tempo para ouvir as pessoas.

**Daniela:** Obrigada, Soraya.

**Soraya:** De nada.

**Palmas.**

**Bloco 3: Encerrando a temporada**

Música de fechamento: "Já foi", de Janine Mathias.

**Daniela Manica:**

Esse foi o episódio "Antropologia Feminista da Ciência e da Tecnologia". Uma produção do Mundaréu, podcast de Antropologia, que também tá sendo publicado na revista AntHropológicas Visual. A gente agradece a visibilidade que a revista tá dando para o nosso episódio e para a nossa temporada. Nós ficamos muito felizes com a interlocução e a audiência de vocês... e assim fechamos essa quarta temporada. Mais informações sobre as palestrantes mencionadas neste episódio, e o projeto do Mundaréu, você encontra na nossa página: <https://mundareu.labor.unicamp.br/>

A gente agradece o apoio da equipe que esteve em Niterói, Fernanda Mariath, Clarissa Reche e Irene do Planalto. E a equipe que fez a produção final do episódio em Campinas. A música dessa temporada é "Já foi", da cantora Janine Mathias. O Mundaréu integra a Rádio Kere-kere de podcasts de Antropologia e recebe o apoio da FAPESP, da Unicamp, da FAP-DF, do CNPq e da UnB.

A gente volta no ano que vem com mais novidades para vocês. Até lá!

Música de fechamento: "Já foi", de Janine Mathias, toca até o final.